

humanitas

Vol. XXXIX-XL

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

XXXIX-XL



C O I M B R A

MCMLXXXVII-MCMLXXXVIII

Há um artigo sobre Damião de Góis, mas porque não é contemplado André de Resende?

De «baroque», o étimo apresentado é o espanhol *barrueco*. Porque não o português *barroco*?

Para terminar, só duas observações, estas sobre não-portugueses: George Buchanan não pode ter estado encarcerado em Portugal, «entre 1549 e 1551», porque foi preso em Coimbra, em Agosto de 1550. E Felice Peretti, o futuro papa Sisto V (p. 372), não nasceu em Ancona, mas em Grottammare, uma centena de quilómetros a sul de Ancona.

Na bibliografia final, Camões volta a ser mencionado, mas o Renascimento em Portugal continua a ser ignorado. Há, contudo, bibliografia especial para Itália, França, Inglaterra, Países Baixos, Norte da Europa e Espanha. Por aqui se vê que temos ainda um grande caminho a percorrer para tornar conhecida a Cultura Portuguesa no estrangeiro.

A. COSTA RAMALHO

CHRISTIAN HABICHT, *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Sather Classical Lectures, vol. 50. University of California Press, Berkeley, 1985. XVI + 208 pp. e 34 ilustrações.

Depois dos comentários monumentais de Frazer e de Bluemner, o interesse pelo Periegeta reavivou-se nos últimos anos, não só através de edições críticas, como de monografias que vieram avaliar de novo, numa perspectiva mais correcta, o contributo da discutida obra para o conhecimento da Grécia antiga. Estão neste caso, do lado linguístico, a dissertação de Ove Strid (*Ueber Sprache und Stil des Periegeten Pausanias*, Uppsala, 1976); do lado biográfico e histórico-cultural, o livro póstumo de Joyce Heer (*La Personnalité de Pausanias*, Paris, Les Belles Lettres, 1979).

O trabalho do conhecido historiador e arqueólogo Christian Habicht vem, mais recentemente ainda (1985), preencher em parte uma lacuna, qual é a de demonstrar com novos elementos só agora disponíveis a fidedignidade da descrição de Pausânias, bem ao contrário do que supuseram Wilamowitz e outros, em artigos que fizeram época e que, infelizmente, também fizeram escola. Uma das partes mais interessantes do livro é o capítulo segundo («Pausanias as a Guide»), que dá exemplos correctos e devidamente localizados; e o apêndice primeiro («Pausanias and his critics»), que procede à desmontagem, quase psicanalítica, do processo de desvalorização a que foi submetido por Wilamowitz.

De não menor interesse é a reapreciação da visão do mundo romano nesta obra (cap. V) e o traçado do perfil do autor, delineado no cap. VI. Habicht entende, e bem, a nosso ver, que Pausânias não é um representante da Segunda Sofística, como alguns pretenderam, nem um autor que tentou escrever história sob o disfarce de uma descrição, mas fundamentalmente um guia descritivo de um país que oapai-

xonava como seu. O A. tira partido das raras, mas reveladoras confissões, indirectas, em que se manifesta a personalidade do autor, como as de VII.23.3 e VII.19.1-5, 21.1-5 (pp. 161-162). De passagem, discute alguns pontos de crítica textual, por vezes com base em dados epigráficos entretanto surgidos (como em VI.10.5, p. 150; IX.13.1-3, p. 87). É com prazer que notamos a convergência de opinião quanto à emenda de Clavier em VIII.27.1 (p. 120 e n. 10), com a nossa própria edição.

Seria interessante desenvolver mais algumas questões afloradas de passagem. Assim, por exemplo, a da atribuição a Ictinos do Templo de Bassae, do Telesterion de Elêusis e do «Vorparthenon», deixando para Calícrates o Pártenon tal como o temos (p. 132, n. 67), seguindo a teoria de Wesenberg, que, aliás, já tem precedentes em Rhys Carpenter, *The Architects of the Parthenon*, Penguin Books, 1970.

O livro de Habicht saiu quase ao mesmo tempo em versão alemã (*Pausanias und seine Beschreibung Griechenlands*, Muenchen, Beck, 1985). Bem merece esta divulgação nas duas principais línguas da ciência um estudo tão bem informado e tão claramente delineado.

M. H. ROCHA PEREIRA

Catalogus Codicum Manuscriptorum Medii Aevi Latinorum qui in Bibliotheca Jagellonica Cracoviae asservantur. Volumen IV, Numeros continens inde a 564 usque ad 667. Composuerunt Maria KOWALCZYC, Anna KOZŁOWSKA, Mieczislaus MARKOWSKI, Sophia WŁODEK, Georgius ZATHEY, Marianus ZWIERCAN. Academiae Scientiarum Polonae, 1988. 536 pp.

Cracóvia, a cidade capital da Polónia desde o século XI até ao fim do século XVI, viu a sua Universidade fundada em 1364 pelo rei Casimiro, o Grande, último da dinastia dos Piast, quando na Europa central a única existente era a de Praga. Três manuscritos de estudantes, datados do sexto decénio do século XIV, testemunham a sua existência já então. Conservam-se actualmente na Biblioteca, de cuja organização, ao tempo, muito pouco se conhece. Após a restauração da Universidade pelo rei Ladislau II, inaugurador da dinastia dos Jagellon (cuja esposa, a rainha Eduíges, ofereceu as suas jóias para ampliação do *Collegium Maius*), várias bibliotecas começaram a ser criadas junto dos colégios e residências de estudantes. As colecções de cada uma tiveram início e foram-se acrescentando graças a doações de professores e alunos da Academia de Cracóvia.

No primeiro período da Universidade após a restauração (a partir de 1400) tiveram um papel importante os mestres e estudantes da Universidade de Praga.